

# *“Eu confio nas montanhas”*

*O nascimento do filme de guerrilha*



*Şehîd Xelûl Dag*



*em memória de  
Şehîd Xelîl Dağ*

## *“Meu momento mais maravilhoso” - a text by Sehid Xelîl Dag*

“Nasci na Alemanha em 1973 como o primeiro filho de um pai de Izmir e uma mãe de Ağrı. Durante a escola primária, eu me deslocava entre Izmir e a Alemanha. Concluí o ensino fundamental e médio em Izmir, no Private Turkish College. Depois disso, vim para a Europa, onde trabalhava durante o dia e participava de cursos de fotografia em escolas noturnas. Durante meus três anos na Europa, conheci o movimento de libertação. Em 1994, participei do trabalho para estabelecer a primeira estação de televisão curda na Europa, a MED TV. Em 1º de abril de 1995, viajei para o Oriente Médio como assistente de um cinegrafista alemão para uma entrevista com Abdullah Öcalan. Durante a entrevista, fiquei conhecendo melhor os guerrilheiros da academia central do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão). Depois dessa entrevista com Abdullah Öcalan, que também representa meu primeiro trabalho significativo, decidi não voltar e continuar a jornada de minha vida aqui. Desde então, minha vida acontece nas montanhas do Curdistão, junto com os combatentes da liberdade curdos.

## *Meu caminho para o filme*

Nunca pensei que faria um filme. Nem mesmo em meus sonhos... Se eu não tivesse ido para as montanhas e me tornado um guerrilheiro, se não tivesse conhecido as crianças do povo curdo e não tivesse testemunhado suas experiências, eu não teria conseguido fazer esse filme. Para mim, o filme representa minha jornada nas montanhas. E essa jornada começou com a fotografia.

Não nasci nem fui criado neste país. Além de suas montanhas, nunca viajei para esse país que chamamos de Curdistão. Somente de longe pude ver as luzes das cidades. Mas nadei nos rios desse país, toquei suas rochas, meu suor se misturou ao calor verde do verão. Aqui fiz novos amigos, meus amigos caíram mártires. Eu tive pena deles. Vivi com as pessoas dessas montanhas, onde eu tinha vindo apenas para tirar fotos. Compartilhei a comida, os cobertores e o frio com eles. Testemunhei a morte deles.

No início, me senti um estrangeiro. Para mim, não havia nenhum Oriente depois de Izmir. Eu só sabia que minha mãe era de Ağrı. Isso era tudo. Nunca me interessei em saber mais. Conheci o povo curdo na guerrilha. Antes disso, eu havia convivido com eles em diferentes lugares e em diferentes momentos. Mas as primeiras pessoas que percebi conscientemente como curdas foram os combatentes da guerrilha. Na frente das próprias pessoas, conheci seus heróis. De repente, tornei-me amigo do mais dinâmico e belo povo. Talvez essa tenha sido minha maior felicidade.

A primavera de 1995, quando aterrei na cidade santa do Oriente Médio, Damasco 1, com a minha formação muito limitada em fotografia e máquina fotográfica, marcou o início da minha luta e vocação. Nessa altura, tinha apenas 22 anos. Em Esmirna, tinha frequentado uma escola privada. Na Europa, tinha mostrado interesse por profissões indiferentes, mas de alguma forma nunca encontrei respostas para as minhas perguntas. Eu era um fotógrafo sem formação que se tinha voltado para o Oriente Médio. Naqueles dias, deixando tudo para trás, decidi, numa viagem ao centro do Oriente Médio, não regressar. Cheio de entusiasmo, sentia que encontraria ali tudo o que procurava na minha vida e na minha profissão. Dirigi-me a esta parte desconhecida da terra, com um povo que me era desconhecido e de cuja língua não entendia uma palavra. A minha câmara fotográfica e a minha câmara de vídeo estavam prontas para registar esta nova vida. A minha alma estava pronta para viver esta vida sem limites. A minha viagem à vida dos

ombatentes da liberdade começou juntamente com a minha viagem ao mundo da fotografia. O entusiasmo destas duas viagens paralelas alimentou-se mutuamente durante anos. Mas, nessa altura, não podia saber que as minhas experiências nas montanhas do Curdistão me levariam um dia até à margem do cinema.

Utilizei a minha máquina fotográfica e a minha câmara de vídeo nas montanhas durante anos. Reparei como as fotografias que tirei no início com a excitação de um recém-chegado se transformaram num bem valioso ao longo do tempo. Quanto mais vivia com os guerrilheiros, conhecia-os, via-os, amava-os, fazia amizade com eles e tornava-me assim um deles, mais tentava captar os seus rostos e palavras. E foi assim que cheguei ao primeiro princípio da minha vida e da minha profissão: Não trocava um único rosto captado nas montanhas, nem uma única palavra por outra coisa. Não devo saltar nada e nunca me devo mover apenas no limite.



Murat Karayilan (terceiro à esquerda), no centro Celal Başkale (Mahir Koç) em Amasya. Foto de Xelîl Dağ (H. Uysal).

# *Palavras e rostos das montanhas*

Para mim, as palavras e os rostos das montanhas são a expressão mais forte dos dias de criação de um povo. São a única razão para eu vaguear por esta parte da terra durante anos. Os meus amigos das montanhas tornaram-se o objeto do meu campo de visão e o tema do meu coração. Por vezes observava-os através da minha objetiva, mas na maioria das vezes estávamos juntos. Às vezes eu era um estranho, às vezes um deles. Andei atrás deles de montanha em montanha. Para chegar a cada altura que subiam, a cada distância que alcançavam, o meu suor escorria. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para registar cada palavra, cada rosto. Mas, no fundo, sentia sempre a dor de nunca os poder compreender. Faltava sempre alguma coisa. Ao lado das montanhas que registei, havia sempre inúmeras palavras e rostos à espera de serem captados. As palavras e os rostos que não consegui registar, pintei-os no meu coração. Chamo-lhes imagens do meu coração. As noites escuras, as canções dolorosas, as gargalhadas silenciosas, as brincadeiras da inocência infantil, os amores secretos que não podem ser captados por nenhuma objetiva do mundo, coloquei-os na moldura do meu coração.

Foi nesta altura que as filmagens entraram na minha vida. Tinha tantas imagens acumuladas no meu coração que tinha de encontrar uma forma de as exprimir. Encontrei no cinema a possibilidade de o fazer. Chegou o momento de captar as experiências deste país, ao qual agora, mais do que nunca, posso chamar casa, e de as tornar intemporais. Quero que as pessoas se lembrem do que aconteceu aqui. Recordar significa libertação. Mas esquecer significa desaparecer. É por isso que não posso esquecer nada e carrego tudo o que vivi dentro de mim, tal como as pessoas nestas montanhas. Acrescento tudo às imagens que o meu coração captou. Mas a nossa memória não é capaz de transportar para o futuro tudo o que

vivemos. Não podemos enfrentar o desgaste do tempo. É essencial que partilhemos as imagens, os pensamentos e os sentimentos guardados nas nossas memórias e que os tornemos acessíveis a todos.

Nunca vivi esta guerra como os outros guerrilheiros. Não recebi esta guerra nos meus ombros com a responsabilidade de um guerrilheiro. Não lutei cara a cara, sem fôlego, na linha da frente. Sentia-me sempre triste por estar sempre um passo atrás nestes caminhos. Se eu fosse um guerrilheiro comum, provavelmente teria a consciência mais tranquila.

## *É essa a razão do meu trabalho cinematográfico.*

Se não partilhar o que vivi nas montanhas e não fizer um esforço para o comunicar à humanidade, me sentirei culpado. Essa será então a minha maior culpa. É por isso que não largo os meus projetos e corro persistentemente atrás deles.

O desejo de guardar as minhas amizades, os meus testemunhos, as minhas experiências e a mim próprio mantém-me ocupado. É por isso que insisto em filmar. Acredito que o cinema pode exprimir o que vivemos nestas montanhas, a vida a que chamamos guerrilha. Talvez o filme pareça muito pequeno entre todo o resto, mas a sua linguagem exprimirá as montanhas, os filhos das montanhas, o povo curdo. Se há alguma coisa que falta no meio desta guerra, talvez seja o cinema.



Gostaria de dar uma resposta como guerrilheiro a este momento em que a traição, o engano, a venda de si próprio e do povo atingiram o seu auge e em que se tenta distorcer a memória curda. Gostaria muito de avançar com a fúria de um guerrilheiro para quebrar a história manchada pela maldade. Porque não podia ser como os outros guerrilheiros, agora faço filmes.

A guerrilha é tudo. Estou bem ciente disso. Se um dia a guerrilha for derrotada, tudo será derrotado. Não restarão fotos, escritos ou filmes. É por isso que estou aqui, é por isso que estou nas montanhas, é por isso que estou com os guerrilheiros. E o único sítio onde posso fazer filmes é aqui, entre os guerrilheiros. Se eu quiser alguma coisa, será dos guerrilheiros. Se eu abrir a mão, vai ser só da guerrilha. Se eu tiver que servir alguém, é só a guerrilha. Talvez digam que as montanhas não são o lugar certo para fazer filmes. Mas eu não posso fazer filmes noutro lugar. Porque acredito nestas montanhas e nas crianças das montanhas. Sei que, teoricamente, é possível fazer estes filmes noutro lugar. Muitos dos nossos amigos também estão a fazer isso. Mas eu existo para o cinema de guerrilha. A minha viagem pela vida e pelas imagens trouxe-me até aqui.

## *Uma necessidade*

Sinto uma necessidade. O meu sentimento mais forte no meu início na cinematografia foi uma necessidade. Sentia a necessidade de encher de vida tudo o que tinha enriquecido a minha alma ao longo dos anos na guerrilha. Não tinha experiência nem conhecimentos de cinema. Mas confiava no mundo de ideias em que vivia. Confiava na forma de ver e pensar nas montanhas

Primeiro, esperei um pouco. Esperava que os cineastas curdos não voltassem a fechar os olhos à guerrilha e à realidade que deu vida a este povo. Se o cinema curdo entrasse numa nova fase, isso teria que ser feito fora do sistema existente.



Porque o conteúdo e a forma do cinema curdo não podem ser formados em Teerão, Bagdade ou Istambul. O mesmo se aplica às cidades da Europa. Mas os primeiros filmes de e sobre curdos que me chegaram nessa altura me decepcionaram. Os filmes eram sobre curdos pobres. De uma forma inevitável, o curdo era narrado com base na sua pobreza e no seu desamparo. Mas eu tinha conhecido curdos heroicos nas montanhas do Curdistão e vivido com eles durante anos. Até certo ponto, o retrato do pobre curdo pode talvez ser compreendido. Mas senti então, pela primeira vez, que a insistência neste tipo de personagem é o erro dos diretores curdos. Claro que não podia negar a existência do curdo pobre, mas isso só podia ser reconhecido como um ponto de partida para a fase revolucionária. Mas se esta abordagem se mantiver, não passa de um equívoco.

Eu acreditava que tinha chegado o momento de fazer o filme do curdo heroico. Os realizadores curdos e os cineastas curdos já não podiam escapar a esta realidade. Estávamos no tempo do heroísmo, que tinha determinado decisivamente os últimos trinta anos dos curdos. Estes heróis não podiam continuar a ser ignorados. Nos últimos trinta anos, as mães curdas tinham criado os heróis mais nobres da história da humanidade. Não se limitaram a dar à luz pessoas pobres. As crianças curdas escreveram epopeias nas montanhas. Conheci essas pessoas, fiz amizade com elas, vivi com elas. Aqueles que atuam em nome do cinema curdo não podem simplesmente fingir que tudo isto não aconteceu.

Coube-me a mim fazer o filme dos curdos heróicos. Se toda a gente falava de miséria, eu falava de heroísmo. O povo curdo merecia isto depois de trinta anos de resistência armada. Quando um povo se levanta com milhares de mortos, quando presta homenagem aos seus filhos nas montanhas com dignidade, quando grita com todas as suas forças que existe, mas os artistas curdos não vêem tudo isso, não se pode desculpar.

Comecei o trabalho sem qualquer conhecimento ou experiência. Sabia que os cineastas curdos nem sequer iam tomar conhecimento de Tîrêj2. Mas eu queria mostrar que é possível ter uma visão diferente dos curdos. Queria insistir nisso. Sabia que estava longe de uma estética cinematográfica, mas confiei na visão das montanhas. Estava determinado a mostrar, não só com palavras mas também com atos, que era necessário olhar para os curdos com os olhos de um curdo e não de um estrangeiro ou de um ocidental. Eu sabia que o maior erro estava aqui.

O artista curdo, o cineasta curdo olhava para a sua própria sociedade a partir do Ocidente, de Teerão, de Istambul. Essa foi a minha maior crítica. Era necessário olhar para o povo curdo a partir das montanhas. Não com o olhar do outro, mas com o nosso próprio olhar. A perspectiva do realizador curdo não era a do povo curdo. Este é talvez o maior erro dos intelectuais curdos. É impossível não reparar nesta estranheza. Os realizadores curdos olham para o povo curdo como estranhos. Olham para a sociedade como os outros querem que eles olhem.

O cinema curdo começará nas montanhas. Só quando os artistas curdos conseguirem ver as montanhas serão capazes de criar o seu próprio cinema. As montanhas são o maior recurso criado pelo povo curdo. As montanhas representam a maior acumulação e a maior lembrança do povo curdo. Este tesouro foi criado a partir dos jovens corpos de crianças curdas. Ao longo da história da humanidade, as montanhas foram o único amparo do povo curdo. O povo curdo criou as montanhas. Pensar e ver nas montanhas é uma característica dos curdos. Por esta razão, tanto a arte curda como o cinema curdo serão criados aqui.

Os cineastas curdos não devem buscar o seu mundo de ideias à distância, não devem buscá-lo nas cidades onde estão alienados, senão nas montanhas. Essa é uma das minhas obrigações. Um dos meus objetivos é tornar isso compreensível. Sempre tentei expressar isso.

Queria mostrar aos cineastas curdos que devem orgulhar-se do seu povo. Em vez de ter pena deles como se fossem desconhecidos, devem ver a grandeza de que este povo é capaz. Se um povo enviou milhares dos seus filhos para as montanhas, então os artistas deste povo precisam ser capazes de tocar o coração do povo. Caso contrário, não conseguirão fazer filmes para este povo.



Guerrilheiro andando na neve. Foto de Xelîl Dağ (H. Uysal).

## *O meu caminho*

Os filmes que fizemos nas montanhas nos últimos cinco anos, de Tîrêj a Bêrîtan<sup>3</sup>, não pertencem apenas a nós. Esses filmes pertencem a todos os guerrilheiros que vivem nas montanhas. Isso é o mais lindo das montanhas, tudo o que é criado aqui é de todos. Desde as ações militares ao trabalho mais mundano, tudo é de todos. Tudo é aceito por todos como se eles mesmos tivessem feito. Depois é discutido e o que está errado ou faltando é criticado.

Todos os nossos projetos passam pelas mesmas etapas. Não só a nossa equipe de filmagem, mas todas as unidades de guerrilha nas montanhas discutiram os nossos filmes e as críticas vieram de muitos lados diferentes.

No começo isso não foi fácil para mim. No início tive dificuldade em aceitar críticas de amigos que não têm noção de cinema. Nenhum guerrilheiro tinha experiência com filmagem. Mas cada um deles tinha algo a dizer. No início pensei que a maior parte das críticas estava errada.

Mais tarde percebi algo essencial. Conteí histórias sobre os guerrilheiros. Mas meus amigos não conseguiam se reconhecer no meu trabalho. Isso revelou que não consegui expressar corretamente a guerrilha. Esta realidade estava escondida atrás das suas palavras e críticas. Isso me mostrou que eu ainda não tinha conseguido entender o coração deles. Depois fui cada vez mais fundo. Procurei escutar mais atentamente os guerrilheiros e me aprofundar no que era essencial. Nenhum deles tinha conhecimento acadêmico sobre filmagem. Alguns deles não assistiam um filme há anos. Mas eles tratavam meu trabalho como se fosse deles, o criticavam nesses termos e às vezes até ficavam chateados.

No começo muitas vezes ficava ofendido, mas depois aprendi a amar essa atitude. O fato de eles verem o meu trabalho, um filme feito por mim, como seu, e desejarem algo melhor me deixou feliz. E percebi que algo se acumulou em mim durante todo esse tempo. Quando me propus a contar histórias sobre os guerrilheiros, tive que ouvi-los até o fim e senti-los no coração. Por isso primeiro apresentei cada projeto para eles. Agora levo a sério até mesmo as avaliações mais triviais. A verdade escondida nestas avaliações me mostrou o caminho certo. Agora posso sentir a arte que estava escondida nas palavras dos guerrilheiros e conseguir captar e identificar a maior fraqueza dos artistas curdos, dos cineastas curdos, na minha própria alma.

Para um artista, o primeiro passo é compreender as contradições dos povos. Caso contrário, nem os títulos acadêmicos nem a melhor formação técnica trarão sucesso. O artista deve primeiro perguntar-se pelo que o seu povo está passando, quais são as suas contradições básicas. Ele não deve apenas perguntar-se esta questão e dar respostas, mas também viver estas contradições. O artista não se posiciona nem diante nem atrás de seu povo, mas no meio dele. Ele/a não deve considerar seu povo como um objeto a ser tematizado em um campo da arte, mas deve vivê-lo como sujeito de sua vida. Se quiser fazer um filme sobre a guerra, deve mergulhar no mundo dos combatentes. Se quiser fazer um filme sobre o seu povo, deve trazer para a tela as lutas entre o povo curdo e o Estado turco nos becos e ruas de Amed, na Primavera de 2006. Se quiser fazer um filme sobre uma criança, tem que escutar com os seus próprios ouvidos as palavras de uma mãe que carrega nos braços o filho morto pela polícia, ver aquilo com os seus próprios olhos.

O artista não vê o seu povo à distância, mas vive no meio do seu povo. Um diretor cuja vida está separada da do seu povo, cujos pensamentos são os de um refugiado e cujos sentimentos são os de um desconhecido, ainda pode fazer filmes. Mas não será o cinema do seu próprio povo. Um verdadeiro artista é aquele que ri, chora, luta ombro a ombro nas ruas com seu povo e está pronto para morrer com eles se for necessário. Talvez fosse muito mais fácil para nós fazer filmes como cineastas de outro povo. Talvez então não estaríamos falando sobre tudo isso. Mas estabelecemos como nosso objetivo criar arte e cinema como artistas de um povo que luta uma guerrilha, então temos que questionar as nossas próprias vidas.

Até o filme *Bêrîtan*, ouvia com calma as críticas de centenas de guerrilheiros. Essas pessoas são os filhos do povo. Suas palavras são as palavras de um povo. Eu mesmo pedi a opinião dos mais quietos. Eu queria saber o quão próximo eu estava do povo e de seus filhos. Antes de cada projeto de filme eu sempre passava muito tempo nas unidades de guerrilha.

Para tentar sentir o cheiro de suor em seus rostos, ler a saudade em seus lábios, compreender o amor em seus corações. Esse é o meu método no cinema.



Imagens da gravação do filme Beritan.

## *Conto de fadas e melodia*

Na verdade, as histórias por trás dos meus filmes são maiores do que os próprios filmes. Essa música começou em algum lugar muito antes de mim, em certo ponto ouvi seu som e muito depois comecei a cantar a música eu mesmo, embora com vergonha. O fato de eu mesmo ser testemunha das minhas histórias é novamente uma dificuldade maior. Se eu tivesse apenas ouvido essas histórias ou lido elas em algum lugar, meu trabalho seria mais fácil. No início pensei que ter vivenciado essas histórias e a dor, a tristeza e os sentimentos nelas escondidos, seria uma vantagem. Com o tempo percebi que não era esse o caso. Eu não tinha conhecimento e experiência para contar uma história cinematográfica. Por muito tempo me contive por causa disso. Mas tinha que começar de algum lugar, para poder fazer justiça à minha tarefa ao longo do tempo. Portanto, tive que

sacrificar minhas primeiras histórias à minha falta de experiência. Ainda assim isso me deixa triste. A vontade de gravar novamente o filme Tîrêj ainda é como uma pontada dentro de mim.

Reconheci a seguinte realidade: o segredo do cinema curdo não está na realidade, mas nos contos de fadas. Não vou contar uma história à qual não pertenço, não vou me encontrar nela. Não vou me encontrar numa história que não faz parte da minha alma. Tîrêj viveu nestas montanhas antes de mim. Ele era médico e vivia nestas montanhas como comandante de guerrilha. Só o encontrei uma vez nos caminhos destas montanhas, apenas a sua estatura e os seus olhos permaneceram na minha memória. Anos depois, na noite em que foi ferido, no indescritível frio da noite, ao lado de uma melodia de quatro mil anos de idade, ouvi suas últimas palavras pelo rádio. Enquanto ele estava ferido em sua posição, dizendo humildemente "Saudações a todos os camaradas, condolências ao povo curdo", não consegui conter as lágrimas. Estas últimas palavras de Tîrêj me atingiram no fundo do coração.



Guerrilheiras Curdas. Foto por Xelîl Dağ (H. Uysal).

Os meus filmes são inspirados em contos de fadas verdadeiros. Mas sempre que olho para o resultado final, penso que desta vez também não funcionou. No entanto, prefiro continuar em vez de esperar. Se eu tivesse tido a oportunidade de ver filmes no início, alguns diretores teriam me influenciado com certeza. Mas nessa época não tínhamos acesso a filmes. Agora penso que foi bom não ter tido acesso. Não fui influenciado pelos diretores, fui influenciado pelos escritores na realização dos filmes. Por exemplo, a análise das personagens de Victor Hugo, os incríveis motivos de Orhan Pamuk e as histórias de Murathan Mungan, do Curdistão, tem sido a verdadeira razão dos meus filmes. Na minha opinião, são escritores muito fortes. Mas eu consegui captar imagens fantásticas nas suas obras. A forte estrutura e as formas narrativas dos seus livros influenciaram-me profundamente. Claro que não me posso meter entre eles, mas não posso negar a sua contribuição para o cinema de guerrilha. Continuo a ter um livro de um destes três escritores comigo antes de cada filmagem. Não sou eu que decido qual é o livro. Como se eles decidissem entre si, um dos seus livros espera-me sempre no início de cada filmagem. Em silêncio, contam o seu próprio conto de fadas e, de repente, tornam-se parte do filme.

## *O segredo do cinema curdo não está escondido em palavras, e sim na melodia*

Estou convencido de que os cineastas curdos não podem criar um cinema apenas mediante filmes curdos ou com a apresentação de temas curdos. A profundidade da música curda também pode ser um exemplo para o cinema. Não importa onde e em que circunstâncias, as melodias curdas podem sempre ser ouvidas. Entre todos os sons e tons, são reconhecíveis. Durante a gravação de



Bêrîtan, trabalhei com uma garota curda. Em cada intervalo, pedia a esta garota das montanhas de Hakkari que nos cantasse uma canção. Eu mesmo não sabia porquê. Também não sabia o que exatamente encontrava nas suas canções curdas que não compreendia. Talvez seja apenas um sonho, mas nos meus filmes tento captar a melodia única da música curda e a realidade escondida nos contos de fadas curdos. Esta veia de quatro mil anos, estes contos de fadas e estas melodias continuam a formar o núcleo da arte curda atual. O ponto de partida do filme curdo não está longe de nós, mas escondido na realidade inegável onde os contos de fadas e a melodia se encontram: a cultura Dengbêj<sup>5</sup>. Gostaria de poder compreendê-la. Esta é a minha autocrítica.

## *Ousar*

Nestas montanhas há um ditado que os guerrilheiros gostam de usar. Se um dia você for para as montanhas, pode ser a primeira coisa que ouça. O seu guia<sup>6</sup> dirá: "O melhor caminho é aquele que você conhece" e ele ou ela o conduzirá por caminhos que conhece muito bem. Que isto não é apenas um ditado, mas que vem do coração do guerrilheiro, eu compreendi durante a minha vida nas montanhas. Esta frase está até mesmo escondida nos cantos mais recônditos da consciência do povo curdo. Senti-a nos desertos da alma de cada curdo que conheci.

Com o tempo, percebi que este princípio não escrito é a estrutura da minha vida nas montanhas e que as minhas obras estão a tomar forma de acordo com este princípio. Agora tenho sempre de me rir quando esta frase, que o nosso guia disse há anos, me vem à cabeça. Penso que tanto o cinema curdo como o próprio curdo estão fortemente ligados a esta realidade pura. Esta é também o código do coração do povo curdo. Estou consciente de que os cineastas curdos não podem chegar ao povo curdo sem resolver este segredo e

e decifrar a codificação da vida curda. Devo acrescentar neste ponto que não é possível alcançar princípios universais sem retratar o nosso próprio povo. O caminho para os outros é através de nós mesmos. Nada de universal está para além de nosso ser.



Inverno nas montanhas do Curdistão. Foto de Xelîl Dağ (H. Uysal).

O povo curdo não é semelhante a nenhum outro povo no seu desenvolvimento histórico. Enquanto a maior parte dos povos da Terra passou por desenvolvimentos semelhantes, o povo curdo continuou o seu desenvolvimento à sua maneira ou, quando não havia nenhuma possibilidade, parou o seu desenvolvimento ou pôs mesmo fim às suas vidas. O que eu quero dizer é o seguinte: o povo curdo ou tem seguido o seu próprio caminho na sua história ou não o tem seguido caminho. Preferiu os caminhos que foram criados a partir dos penhascos das montanhas às estradas de asfalto da civilização. Não por ignorância, mas por causa da inclinação para a liberdade que lhes vai na alma. Talvez tenha sido esta característica que fez dos curdos o povo mais antigo da história e a principal artéria através da qual a civilização emergiu.

Não sei quando o cinema curdo conseguirá captar essa realidade. "O que somos nós além da história? O que somos além de nada junto com nossa história?", perguntou o belo homem da ilha İmralı\*. Ele ressaltou que o artista curdo precisa começar pela história de seu povo. A natureza da pessoa curda se recusa a ser o rascunho repetitivo, desgastado e grosseiro de outra pessoa. Há centenas de anos, ela prefere permanecer pacientemente em sua própria simplicidade, sem se envolver na forma de outra pessoa. Essa é a cor dos curdos. Os artistas e cineastas curdos devem ser capazes de capturar essa cor. Não podemos nos esquecer de que todos os caminhos da história passaram pelo Curdistão, mas o povo curdo continuou a abrir novas trilhas nas montanhas. Podemos chamar isso de rebeldia ou teimosia. Seja qual for o nome, é a atitude curda. Não podemos chamá-la de outra coisa. O artista curdo deve capturar essa atitude curda, essa tendência à liberdade. É claro que os curdos entraram no campo do cinema muito tarde. A civilização está talvez um século à frente dos curdos nesse campo. Nenhum de nós pode negar os valores que foram criados pela arte do cinema até agora. O cineasta curdo deve explorar, aprender e se apropriar desses valores.

Mas, além disso, é mais importante que os cineastas curdos sigam seu próprio caminho. Podemos seguir o caminho de outros, fazer um trabalho bem-sucedido, tornar as mulheres curdas o tema de nossos filmes e sermos aplaudidos. Mas isso não significa que sejamos cineastas curdos e façamos cinema curdo. Estou ciente do fato de que o cinema é um mercado nas condições atuais e que é preciso entrar nesse mercado para levar seus produtos às massas. Sei que o filme curdo tenta construir uma existência entre os dentes dessa roda. Posso sentir aqui, das montanhas, que os cineastas curdos estão tendo dificuldades porque não têm seu próprio setor, seu próprio mercado. Mas, ao mesmo tempo, vejo o desejo e a ânsia de existir dentro desse mercado como uma vergonha para os cineastas curdos. Sei que, para fazer um filme, são necessários recursos financeiros e apoio, mas pensar que o verdadeiro problema do cinema curdo é a inexistência de mercado é um erro. Na minha

opinião, o cinema curdo não pode existir dentro desse mercado, mas somente fora dele. Prefiro que os filmes curdos sejam secretamente passados de mão em mão pelos jovens, ilegalmente, mas com o coração, em vez de serem colocados em pauta de tempos em tempos como um item oriental dentro do mercado. Assim como o guerrilheiro curdo abriu o caminho que leva o povo curdo à liberdade nos esconderijos das florestas, os cineastas curdos também devem ter a coragem de entrar nessas florestas.

Assim como o guerrilheiro curdo abriu o caminho que leva o povo curdo à liberdade nos esconderijos das florestas, os cineastas curdos também devem ter a coragem de entrar nessas florestas. Assim como as crianças mais jovens do povo curdo trilharam seu próprio caminho, a história espera que os artistas curdos dêem o mesmo passo. Se a arte é um empreendimento, temos que ousar. Não vamos para os mercados. Não vamos construir nosso cinema em meio a relações comerciais reducionistas, mas com base em relações de cooperação. Sou um guerrilheiro. Enquanto a espada da negação e da aniquilação for brandida sobre o povo curdo, viverei nas montanhas com a arma em minha mão. Hoje sou um cinegrafista, amanhã um fotógrafo, depois de amanhã um fabricante de pães. Quando precisarem de mim no topo das montanhas, eu estarei lá. Se precisarem de mim no serviço de guarda, estarei lá. Se tiver que marchar durante a noite, eu o farei. Estou pronto para qualquer tarefa que o povo curdo me der. Não sei se farei outro filme ou não. Mas se aqueles que têm que fazer essa tarefa não a fizerem, então serei diretor novamente.



*Şehîd  
Xelîl  
Dağ*

# *Notas de Rodapé*

1 Damasco: A academia central do partido do PKK esteve em Damasco entre 1992 e 1998

2 Tîrêj: Nome do primeiro filme realizado por Halil Dağ nas montanhas (2002)

3 Bêrîtan: Filme realizado por Halil Dağ em 2006 sobre a luta do guerrilheiro curdo Gülnaz Karataş, nome de luta Bêrîtan. Bêrîtan juntou-se à resistência armada aos vinte anos de idade, como estudante, em 1991. Em pouco tempo, ascendeu a comandante de guerrilha. Apesar do seu curto período de apenas um ano e meio nas montanhas, desempenhou um papel importante na luta de gênero e de classes no seio do PKK e exerceu, a título póstumo, uma grande influência no desenvolvimento do movimento autónomo das mulheres. Bêrîtan perdeu a vida na chamada "Guerra do Sul", travada entre o exército turco e o KDP-Peshmerga no outono de 1992. Lutou até à última bala contra o avanço do inimigo, destruiu a sua espingarda e atirou-se das falésias para evitar cair nas mãos dos Peshmerga.

4 Em 24 de março de 2006, 14 guerrilheiros do PKK foram mortos pelo exército turco com armas químicas. Seis dos combatentes assassinados eram da cidade de Amed (em turco: Diyarbakır). Em 28 de março, foram enterrados por milhares de pessoas e, em seguida, teve lugar a maior revolta curda desde 1999. Foram mortas 13 pessoas.

5 Dengbêj = cantor popular curdo que interpreta canções sem acompanhamento instrumental, de acordo com uma antiga tradição épica

6 Refere-se a Abdullah Ocalan, que está preso na ilha-prisão İmralı, no Mar de Mármara, desde fevereiro de 1999.

